DE DEVANEIOS, CONTOS E OUTRAS HISTÓRIAS

1982 a 1989

maria silvana ramos

Dedico este livro a meus irmãos, criaturas maravilhosas que foram meus companheiros de folguedos e tornaram a minha infância e adolescência as mais abençoadas deste mundo.
A minha irmã guerreira Suleima Aparecida Ramos Pereira, meu companheiro da maturidade, Silvio Ramos e meu amigo e parceiro de sempre Sidnei Alexandre Ramos.
Amo vocês!
Sil

Pequeno Diálogo

Eu não escrevo para que as pessoas concordem comigo. Nem para receber críticas ou elogios, muito menos para levantar opiniões. Eu escrevo para não estar só, ou melhor, para estar comigo mesma. Quando escrevo sou autêntica, sou a Sil que canta, a que reflete no papel o sentimento do momento. Escrevo para afastar os pavores do silêncio do meu coração, ou para deixar de ouvir o que não quero do mundo e das pessoas. E mais, muito mais, é porque sou uma covarde e não sei falar. Quando estou vendo as letras formarem pensamentos, sinto-me plena, única e inviolável. Podem censurar o que escrevo, mas nunca, jamais, o que penso. E é maravilhoso se ter um mistério só nosso e que só a nós diz respeito, e só à nossa alma pertence., pois é um segredo que nos é permitido guardar ou ofertar a quem o desejamos. E não nenhuma cirurgia neste mundo que nos obrigue a mostrar nossos pensamentos, nenhuma lei. É lindo não sermos obrigados a nos desmascararmos, nos sentirmos violentados. Nem mesmo os carrascos nazistas, os médicos, conseguiram com suas torturas, alcançar a alma humana! É impressionante isso, podemos ser humilhados, massacrados, violados e abjetados pela humanidade, mas enquanto isso, em pensamento, podemos guardar um tesouro. Nossa mais bem guardada riqueza, o íntimo. Adoro quando escrevo, pois assim, qualquer coisa, posso rasgar ou queimar sem que ninguém leia,

ao contrário da palavra dita. Posso escrever das minhas revoltas, dos meus sonhos mais bonitos sem cair no ridículo e ainda terei o prazer de ver impresso tudo o que vai fervilhando lá dentro da alma. É assim como tirar sarro no mundo, ou ofertar-lhe também um tico de mim... Se eu quiser!

“SE A TERRA TODA FOSSE FEITA DE OURO... COM CERTEZA OS HOMENS LUTARIAM POR UM PUNHADO DE BARRO’

Sim, desde o bíblico caso da inveja e ganância de Caim, o homem, o ser humano carrega em si, o estigma inapagável do primeiro pecado capital que foi impregnado nalgum tempo de alguma forma, na alma desertora da humanidade.

As vigarices tiveram suas origens na inveja ingênua de um contra outro. Foi encarada a princípio como um vazio de incapacidade. deve ter sido assim. Caim vendo que fora dado a Abel algo que ele não tinha; e que com isso Abel conseguia ter êxito e agradar ao seu Criador; sentiu aquela dor incômoda de vazio, de pobreza, de desprivilégio. Então surgiu a inveja que explodiu em forma de violência, e da violência foi gerado o homicídio.

Primeiro sinal de que os homens eram dotados de outros instintos, e não tão louváveis quanto os da amizade e da solidariedade.

E as nações foram se formando, em ritmo de progresso material e decadência moral. Tentaram-se consertar as coisas, destruindo cidades inteiras onde grassavam a iniquidade e a mediocridade. E, aos filetes, após cada destruição, emanavam dos restos, as partículas para novos confrontos.

Há qualquer coisa no ser humano que o faz buscar, que o torna insatisfeito com o que tem como propriedade sua, e o leva a lutar para conseguir mais, para acumular egoística e talvez inconscientemente tudo aquilo que não lhe foi dado naturalmente, ao nascer.

Assim, há a corrida elétrica e infinita a caminho da posse. Seja ela do que for... de carinho, de tesouros, de respeito, de glória e de toda gama de bens espirituais e bens materiais.

Nessa eterna busca, tão inerente ao ser humano, não há uma preocupação racional e sim um espetáculo de tombos e decaídas. Não importa ao homem que ele deva atravessar abismos, ou cruzar charcos morais, a ansiedade de conseguir, de transpor é mais forte.

Creio que a ganância nada mais é que a deturpação de uma necessidade básica, que a torna suprema! O homem é por demais fraco para que suporte apenas aquele tanto que lhe deve pertencer. Ele quer mais, sempre mais, porque sua extrema fragilidade se torna maior que a supremacia que ele quer ter sobre os outros. O ser humano precisa disso, especialmente aqueles acossados pela vida, aqueles que querem com fremência vencer o seu próprio ego!

É dado ao homem superar suas capacidades, é dado ao homem o direito da batalha. Mas isto não lhe basta. Ele precisa entronizar-se para não ser igual a todos. Não lhe basta acreditar ser único no universo, ele quer ser o maior, o mais célebre, o mais poderoso.

É então que ele perde o caráter, perde o gosto humilde da tristeza. Nunca mais é amado, aprecia o temor que causa a seus semelhantes, embriaga-se da aura de poder que o ilumina como uma luz malfazeja.

Não basta ao ser humano apenas a sua capacidade de ser vivente, pensante e criatura digna dos mais nobres dos sentimentos.

A humanidade perde aos poucos sua condição de pequenos deuses e coloca-se na fila dos animais fabricantes das guerras, destruidores da magia, imoladores das virtudes.

Está claro que é também dado ao homem o direito de se exasperar, de se debater contra o próximo, de criar seus próprios vícios e alimentar suas próprias falhas. Mas, não lhe pertence o direito de monopolizar o mal, de trair seu semelhante, de deteriorar ou mesmo consumir com a fantasia de outro.

A alma humana é frágil demais... e o espírito humano é vulnerável demais para os desafios da sobrevivência. As mágoas acumuladas, a inveja em proporção e as dores em demasia, tornam cada vez mais os homens endurecidos e predadores uns dos outros.

A própria sociedade, elaborada e mantida pelo próprio ser humano, é sua armadilha mortal.

Inconscientemente eles se prendem em cadeias construídas pelos seus pensamentos e por suas próprias ações. E assim engaiolados, perdem a dignidade que só a liberdade cerdadeira proporciona. Aprisionados em seus próprios conceitos esquecem-se de tudo aquilo que ele mesmo um dia considerou como bom e válido para sua sobrevivência digna e meritória que se chama "VIDA".

POR HÁBITO

Numa manhã, - num futuro não muito distante - o grande e famoso dirigente acordou com uma estranha luz a faiscar-lhe nos olhos. Levantou-se assustado. Estava num lugar ainda mais estranho. Parecia ser primavera, pois ouvia os pássaros cantar, sentia o sol em seu corpo, via as flores e um silencio suave e terno o envolvia.
- Como? - pensou ele - se ontem mesmo ao deitar-me era inverno e tudo estava coberto pela neve?
Muito assustado agora, o dirigente pôs-se a andar pelos campos que se descortinavam até onde sua vista alcançava. Sentia inexplicável alegria banhar-lhe a alma, como se fosse um adolescente!

Naquele mesmo instante, outro grande e famoso dirigente era também despertado por um facho ofuscante de luz. Experimentando o mesmo susto, olhou ao seu redor sem compreender.
- O que está havendo? - perguntou-se ele- Se ontem ao deitar-me o sol era tão forte e o calor tão sufocante que me obrigava a declarar estado de emergência em alguns estados!...
Sentiu o ar ameno, a brisa suave a enfunar-lhe as vestes, e flores orvalhadas até onde o céu encontrava a terra. Intrigado, pôs-se a andar, feliz como uma criança, saltitando na grama verde e brilhante!

Os dois homens caminhavam um ao encontro do outro, tão inebriados em sua própria felicidade, que não se

aperceberam disso até que se chocaram, e tão desapercebidos estavam, que caíram ambos sentados. O mais velho levantou-se primeiro, espantando com sua agilidade, e estendeu a mão para o outro, ajudando-o a erguer-se.
Então se fitaram. Arregalaram os olhos, sacudiram a cabeça e falaram ao mesmo tempo.
- Reagan!
- Gorbatchev!
Desataram então a rir, a princípio timidamente, depois despregada mente.
Gorbatchev foi o primeiro a conseguir emitir um som.
- O que faz aqui o grande presidente dos Estados Unidos da América?
Reagan coçou o nariz, contemporizou e respondeu cortês.
- O mesmo que o grande dirigente das Repúblicas Socialistas Soviéticas!
De novo puseram-se a rir.
O presidente russo alisou a mancha vermelha do seu crânio, olhou preocupado para o presidente americano e novamente interrogou.
- E onde estamos nós, camarada Reagan?
Reagan ergue os olhos aos céus, voltou-os à terra, contemplou a extensão gigantesca de campos, piscou e respondeu taciturno.
- Seria a Austrália?
O dirigente russo balançou a cabeça.
- Fomos exilados? Mas, por quem?
Entreolharam-se. Sentaram-se lado a lado na grama verde e fofa.
Reagan disse:
- Olha companheiro, não sei onde estamos, mas já vaguei por aí um tempo incontável e não descobri que

região é essa. Seja lá qual for, somos os únicos seres humanos aqui existentes...
O russo o contemplou pensativo;
- Sim, eu também andei muito e não reconheci nada. Grandes florestas, montanhas, mares, rios, lagos...

Enquanto os dois maiores detentores do poder nuclear da terra conversavam, um homem de cabelos e longas barbas brancas riam-se sentado numa pedra a ouvi-los. Esperava a hora propícia para se apresentar a eles. Divertia-se com a confusão que vira formar-se na cabeça de ambos.
Meditava lá consigo;
- Vão ter agora uma ótima oportunidade de união... Demorou, mas enfim é chegada a hora!
De repente, seus brancos cabelos se arrepiaram, ele quase caiu da pedra e saiu correndo ao ouvir a última frase dita entre os dois dirigente.
Chegou arfando o bom velhinho, e todo molhado de suor. Empurrou uma grande porta de luz gritando.
- Senhor, Deus! Michail e Ronald querem colocar divisas, fronteiras...
Seus olhos brilhantes estavam estatelados.
Uma voz potente e suave o interrogou:
- Colocar divisas, fronteiras? O que me diz, Pedro?
O velhinho caiu de joelhos aos pés da Luz Eterna.
- SENHOR DOS MUNDOS... Eles querem dividir o céu!

(Antes do fim da Guerra Fria, antes que Ronald Regan e Michail Gorbatchev se dessem as mãos no memorável tratado de paz!)